

Universidades Lusíada

Silva, Paulo Brito da, 1963-

O lugar e o não-lugar

<http://hdl.handle.net/11067/4958>

Metadados

Data de Publicação

2001

Resumo

J. Baudrillard distingue simular e fingir com a imagem de um doente que, simulando uma doença determina em si alguns dos respectivos sintomas, enquanto que o doente que finge apenas faz crer que está doente. Fingir ou dissimular deixa intacto o principio da realidade, a diferença continua a ser clara e apenas está disfarçada, enquanto que a simulação põe em causa a diferença entre o "verdadeiro" e o "falso", o real e o imaginário. Enquanto conhecimento, as construções lógicas interpretando a nos...

Tipo

bookPart

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-19T14:00:54Z com informação proveniente do Repositório

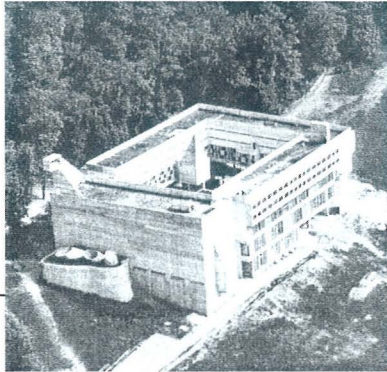
O LUGAR E O NÃO-LUGAR

PAULO BRITO DA SILVA

J. Baudrillard (1) distingue simular e fingir com a imagem de um doente que, simulando uma doença determina em si alguns dos respectivos sintomas, enquanto que o doente que finge apenas faz crer que está doente. Fingir ou dissimular deixa intacto o princípio da realidade, a diferença continua a ser clara e apenas está disfarçada, enquanto que a simulação põe em causa a diferença entre o “verdadeiro” e o “falso”, o real e o imaginário. Enquanto conhecimento, as construções lógicas interpretando a nossa percepção do real fingem que o são, e a realidade virtual simula-as. Sob este aspecto, o lugar não pode ser o espaço exclusivo de construção da arquitectura, porque, enquanto conhecimento, o real já não se distingue do virtual (2).

Importa também estabelecer a diferença entre a realidade virtual e o ciberespaço. No ciberespaço não existe a intenção de simular a representação convencional do real, embora a ela se possa referir ou aludir, uma vez que em qualquer caso se trata sempre de uma criação humana. Constitui, no entanto, um meio que usa o virtual como suporte, mas em que as características são convencionadas sem qualquer preocupação de relação com o real e poderão até ser completamente autónomas. Por exemplo, o tempo é definido e quantificado de outro modo (o Swatch Beat mede o tempo da internet), uma vez que não existe nem dia nem noite, nem luz solar, nem movimento dos planetas. A materialidade pode ser convencionada com características diferentes das especificadas pela física. Refere B. de Miranda (3) que o ciberespaço é a negação da exterioridade, a impossibilidade de ligação de tudo com tudo, uma alucinação consensual experimentada diariamente por milhares de milhões de operadores autorizados.

Mas o lugar é “pôr um mundo na terra”, e antes de se relacionar com o conhecer é uma questão do ser. Tal com a diferença do



La Tourette
Le Corbusier

doente “real” para o que simula poderá ser a existência de um pequeno vírus, em arquitectura (como arte) o que separa o lugar de uma construção virtual é esse pequeno vírus da materialidade. É a materialidade que permite a memória e os sentidos, e desse modo algo para além do conhecimento (4). Um tijolo ou uma pedra já não são natureza, dado que são produzidos pelo homem. Como material de construção compreendem uma codificação decorrente do “como se produz”, para não falar do seu conteúdo poético.

Alguns arquitectos já negaram uma relação da arquitectura com a materialidade, mas pensando exclusivamente no construir, são possíveis diversas atitudes que vão desde a casa experimental de Muuratsalo de Alvar Aalto, em que o assentamento resulta dos tijolos disponíveis e do que pareceu melhor “ali e então”; ao paradoxal jogo entre a matéria como matéria e a matéria como significado que Siza Vieira faz no centro Cultural de Santiago de Compostela, em que a pedra como revestimento representa uma alvenaria até nos cunhais; à representação de alvenaria com pedra artificial da obra de J. Stirling em Stutgard; até à noção de Le Corbusier que, integrando todas as questões da materialidade como significado, resolvia um problema como “pura criação do espírito”. Para Le Corbusier a materialidade era um dado semântico do problema, as novas técnicas e materiais vinham alterar a linguagem (5), mas considerava desinteressante o confronto com a materialidade e com a obra construída (6).

A questão entronca-se na velha diferença entre platónicos e aristotélicos e é independente do real e do virtual, porque este é simulação, sendo por exemplo, exposta por B. Zevi (7). Contraopondo ao “criar fazendo” ou ao trabalho de acompanhamento e resolução dos problemas na obra, escreve este autor que Scamozzi define o edifício como um hábito científico que reside na mente do arquitecto, um fantasma interior; sendo o projecto desenhado apenas um meio com o qual o arquitecto comunica aos outros a sua própria invenção. A realização compete aos mestres de obras, os imitadores do projecto. Como é obvio, actualmente a industrialização da construção exige que os projectos especifiquem tudo até ao mais pequeno detalhe, mas enquanto projecto todas as obras são virtuais, porque são representação da ideia, só que para uns a ideia é a obra, ocorrendo na sua

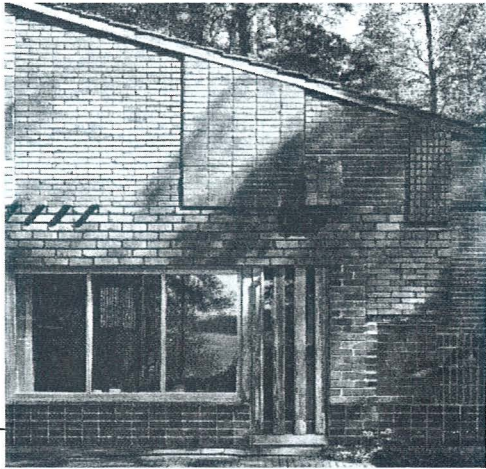
Platão aponta para o céu
Aristóteles aponta para a terra



edificação uma pobre e mera representação, e para outros a obra só existe quando se constrói, sendo o projecto uma etapa ou um esboço. Afinal a questão não é nova, o que é novo são as espantosas capacidades do virtual, mas não nos devemos esquecer que uma imagem de computador utiliza as mesmas regras da perspectiva que os autores Renascentistas, é uma imagem monocular. E não só é diferente da visão "real", como a percepção humana é algo de muito mais complexo, como demonstra E. T. Hall, no seu livro a dimensão oculta(8).

Contudo, como escreve Heidegger, um lugar é "pôr um mundo na terra", e um mundo significa o como ser do ente mais do que o próprio ente, em que o como determina o ente na sua totalidade, que é prévio, e em que este prévio do ente na sua totalidade é em si mesmo relativo ao transcendente (para lá do espaço)(9). O como ser, como explica Muntañola na natureza social do lugar (10), é também um espaço de reconhecimento relacionado com o imaginário colectivo. Enquanto alguém só pode ver um floresta natural (se é que isso ainda existe?) outro habita-a, porque uma determinada árvore é um Lare. Não quer isto dizer que, como escreve Marc Augé no seu interessante livro (11), um espaço da supermodernidade seja um não-lugar apenas porque não ocorre um reconhecimento de carácter antropológico e estes espaços sejam produto da globalização e portanto ideais na sua repetibilidade. Como diz Siza Vieira a globalização não significa a imitação, ser igual em toda a parte, mas sim reforçar as raízes culturais em cada país (12). A um espaço físico que não é um lugar poderemos chamar sítio, o que é muito diferente de um não-lugar.

Um lugar não é só um espaço de reconhecimento, pois o "como ser" também é idealidade, sendo prévio e repetível. J. Derrida, (13) interpretando o pensamento de Husserl, escreve que quando este afirma a não existência ou não realidade da idealidade é sempre para reconhecer que a idealidade é, segundo um modo que é irreduzível à existência sensível, à realidade empírica ou à sua ficção. É um não-ser e, acrescentamos nós, existe no não-lugar. O não-lugar poderá ser aquilo que B. de Miranda (14) refere como espaço outro, talvez da mesma natureza da Khora de Platão, esse espaço outro que foi algures descrito por



Casa de Muuratsalo
Alvar Aalto

Foucault como um “espaço do dehors”. E descreve-o como um espaço da queda de tudo, de fragmentação de toda a totalidade, sem princípio nem fim, sendo nele que ocorre a incessante declinação da experiência em torno de singularidades não retraçáveis, que estão sempre “algures”.

Será neste espaço que se poderá ensaiar o discurso da idealidade, onde esta poderá ser independentemente da sua existência ontológica. Enquanto discurso a idealidade é um monólogo, tendo como característica a repetibilidade (15), o que em arquitectura se relaciona com os tipos e os modelos. A distinção entre tipo e modelo também não é uma questão do real e do virtual, porque é uma questão que pertence à sua fundamentação. O modelo é uma forma perfeita que se fundamenta numa ordem transcendente ou que deriva do contínuo aperfeiçoamento ao longo do tempo e o tipo é um conjunto de relações que definem uma estrutura e que derivam da validação da experiência e da memória. O tipo permite a construção do lugar e o modelo, como por exemplo prescreve Vitruvius, necessita que se lhe encontre lugar adequado ou propício (16). Mas o modelo e o tipo são algo de prévio, não são a obra arquitectónica, apenas uma possibilidade. E é como possibilidade, como potencialidade, como capacidade experimentação sem consequências dramáticas, como sonho, que, segundo escreve B. de Miranda (17), é preciso privilegiar o virtual, e não apenas enquanto virtualização da “realidade”, em si mesma muito pesada, demasiado pesada, e que sempre foi a história das possibilidades vencedoras.

A arquitectura como algo construído e herdado é prévia e o “como ser”, como observa J. Baudrillard, continuará a ser pensado pelo inumano (18). Sob este aspecto o lugar ainda é a única possibilidade de humanização, concretizando-se numa materialidade que escapa ao controlo do virtual. Tal como J. Herzog em 1995 (19), julgamos estar em condições de poder afirmar as pessoas ainda existem, e que ainda são seres físicos e não computadores. Estas pessoas necessitam de lugares para habitar e, como escreve Muntañola, não podemos pensar no construir sem definir ao mesmo tempo um habitar(20).

Outubro de 1999

NOTAS

- 1- Baudrillard, Jean – Simulacros e simulação – Lisboa, 1991 – p 9
- 2- Baudrillard, Jean –obra citada – p 153
- 3- Miranda, J.A. Bragança de –Traços, ensaios de crítica da cultura –Lisboa, 1998 – p 221,224
- 4- Bergson, Henri – Matéria e memória – S. Paulo, 1990.
- 5- Le Corbusier – Vers une Architecture –Paris, 1995 – p 60
- 6- Ferro, Sergio e Outros – Le Couvent de la Tourette – Marseille, 1987 – p 122,123
- 7- Zevi, Bruno – Architectura in nuce – Lisboa, 1996 – p 128
- 8- Hall, Edward T. – A dimensão oculta – Lisboa, 1986
- 9- Heidegger, Martin – A essência do fundamento – Lisboa, 1988 – p 45
- 10- Muntaniola Thornberg, Josep – Topogénesis dos, ensayo sobre la natureza social del lugar
– Barcelona, 1979
- 11- Augé, Marc – Non-places, introduction to an anthropology of supermodernity – Londres, 1995
- 12- - Jornal "O Expresso" de 30 de Out. 1999 – Siza Vieira exposto em Itália
- 13- Derrida, Jacques – A voz e o fenómeno – Lisboa, 1996 – p 66
- 14- Miranda, J.A. Bragança de – obra citada – p 223
- 15- Derrida, Jacques – obra citada, 1996 – p 65
– a repetibilidade é uma condição da idealidade.
- 16- Vitruvius – Os dez livros de architectura, Livro I cap 2.
- 17- Miranda, J.A. Bragança de – obra citada – p 223
- 18- Baudrillard, Jean – O Paroxista indiferente – Lisboa, 1998 – p 140

19- Herzog, Jacques – Jornal dos arquitectos – Lisboa, 1995 – p 12

20- Muntañola Thornberg, Josep – Poética e arquitectura – Barcelona, 1981 – p59